



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11246 - Resumo Expandido - Pôster - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

“CANTOS DO TEMPO”: ARTES, DECOLONIALIDADES E EDUCAÇÃO

Lissa Carvalho de Souza - UFMT/Campus de Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

Raquel Gonçalves Salgado - UFMT/Campus de Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

Giovanna Rodrigues Rebouças Martins - UFMT/Campus de Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

“CANTOS DO TEMPO”: ARTES, DECOLONIALIDADES E EDUCAÇÃO

Sob o signo da “raça”, a civilização europeia produziu a naturalização das relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus, a partir do ideário centrado na branquitude como modelo de humanidade. Um dos fundamentos dessas relações coloniais, argumenta Aníbal Quijano (2005), é a dicotomia entre “corpo” e “não-corpo” que forja uma subjetividade cuja única via de conhecimento é a racionalidade, ficando o corpo relegado à condição de objeto. Nesse sentido, a perspectiva decolonial debruça-se sobre as práticas históricas e culturais invisibilizadas para lançar modos de sentir, pensar e fazer nas fronteiras, que rompem com a colonialidade estética, do tempo, do espaço e do conhecimento (GÓMEZ, 2019).

Nessa perspectiva, o objetivo principal deste trabalho é relatar o processo de construção de um minidocumentário sobre cantos ancestrais, em suas relações com a produção de sons da natureza e dos corpos, como estratégias de resistência à vida produtivista, impulsionada pelo tempo do progresso, desenvolvido como um dos projetos de um dos grupos de trabalho do Programa de Educação Tutorial (PET) “Conexões de Saberes: Diálogo com a Comunidade”, da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). As filmagens e as entrevistas foram realizadas com indígenas da etnia Bororo da aldeia Apido Paru, com candomblecistas de Ketu, da Casa Ilê Erô Opará Odé Asé Jaynã, e jovens que compõem o movimento SLAM Circuito Marginal, em Rondonópolis, Mato Grosso. Os objetivos específicos são: compreender a produção de sentidos, no campo das artes, como crítica cultural e epistemológica, presentes nas experiências desses grupos sociais, que vão na contramão da

perspectiva racionalista hegemônica; resgatar a conexão com a corporeidade na produção de conhecimentos e artes; e pensar a partir dos vários sentidos das relações desses grupos com a natureza e com os cantos.

A abordagem teórico-metodológica é a decolonialidade, que abarca um conjunto de questões em torno do processo de visibilização de lutas, histórias, práticas sociais, epistemologias e políticas de pessoas que tiveram – e ainda têm – seus sentidos de dignidade arrancados pelo projeto hegemônico colonial (OLIVEIRA, 2010; PALERMO, 2009). Durante o processo de construção do minidocumentário, foram realizadas reuniões quinzenais, durante seis meses, para compartilhamentos e discussões de mídias e leituras a respeito da temática, construção coletiva dos roteiros das filmagens e das entrevistas junto às/aos participantes.

Atuaram na produção e direção profissionais e estudantes das áreas de comunicação social, psicologia, história, música e educação. Foram realizadas filmagens de cantos e danças na Casa de Candomblé de Ketu Ilê Erô Opará Odé Asé Jaynã; do pôr do sol, refletido nas águas do Rio Vermelho; das cachoeiras do Complexo do Carimã, com captação de imagens e sons da natureza; de uma performance de uma artista, no auditório da UFR; de cantos e entrevista na aldeia Apido Paru; de declamações de poesias e entrevistas com as/os jovens do grupo SLAM Circuito Marginal, na praça do bairro Jardim Atlântico, em Rondonópolis. Atualmente, o grupo de trabalho encontra-se na fase final da seleção de imagens e filmagens para dar início ao processo de edição. Com a finalização do minidocumentário, pretende-se trabalhá-lo como material audiovisual didático, em diferentes contextos educativos, que suscite outros modos de pensar e sentir a vida e as relações com o corpo, a temporalidade, as pessoas, a natureza, não alinhados com o produtivismo e a racionalidade hegemônica.

Por fim, a partir das considerações feitas e da construção do minidocumentário, fez-se possível compreender que a decolonialidade se dá, também, a partir dos esforços de desligamento ou desengajamento coletivo, epistêmico, econômico e político em face do projeto de dominação ocidental (PINTO; MIGNOLO, 2015), o qual se dá cotidianamente na maneira em que o tempo e o corpo são sentidos, e vividos na sociedade capitalista-colonial. Assim, a construção de sentidos e discursos que vão para além da dinâmica colonial, nesse documentário, viabiliza o combate ao epistemicídio e ao semiocídio cultural (SANTOS, 2020), na medida em que partir de conhecimentos ancestrais, indígenas e afro-brasileiros, surge a possibilidade de se (re)estabelecer modos de existência que respeitem a diversidade, a natureza e o corpo.

Palavras-chave: Cantos. Corpo. Decolonialidade. Resistência.

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Luís Carlos Ferreira. Exu e os Ibejis inventam o contratempo. *Eleutheria-Revista Do Curso De Filosofia Da UFMS*, v. 5, n. ESPECIAL, p. 06-23, 2020.

GÓMEZ, Pedro Pablo. Decolonialidad estética: geopolíticas del sentir, el pensar y el hacer. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 369-389, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e

educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em revista, v. 26, p. 15-40, 2010.

PALERMO, Walter Mignolo-Zulma. Arte y estética en la encrucijada descolonial. Ediciones del Signo, 2009.

PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter D. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 15, p. 381-402, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Consejo, 2005. p. 117-142.